

Agrotóxico deixa Osório preocupado

«O Brasil é um dos maiores produtores de soja do mundo. Mas nós pagamos um preço muito elevado por isso: é um milhão de toneladas de agrotóxicos atiradas anualmente em nossa terra, de onde escorre para os rios e regressa, exterminando a microfauna do próprio solo, as aves e os peixes, depois de passar pelas mesas dos brasileiros, contaminando os alimentos».

A advertência foi feita ontem pelo candidato a senador do PFL, Osório Adriano, ao estabelecer suas prioridades na questão de ecologia e meio ambiente, imbutidas em sua plataforma política para a Constituinte. Osório acredita que a nova Carta precisa ter instrumentos fortes para garantir a proteção das florestas naturais e da vida silvestre:

Controle

— O Brasil precisa crescer e desenvolver-se, mas não pode abandonar o uso racional de seus recursos minerais, o controle rigoroso da poluição industrial e dos esgotos urbanos, policiar os índices de poluição provocada pelos veículos automotores e dar atenção especial ao desmatamento da floresta amazônica e outras áreas verdes vitais para a manutenção do equilíbrio ecológico no país.

Incentivos ao reflorestamento, reaparelhamento dos órgãos governamentais que protegem o meio am-

biente e apoio aos programas de reciclagem de lixo urbano são outros aspectos importantes na proposta constituinte de Osório. Ele cita números que comprovam a falta de cuidados destinados a este setor no Brasil:

— Em 15 anos, de 1967 a 79, registraram-se 3.500 casos de envenenamento por agrotóxicos dos quais 207 foram fatais. No entanto, a primeira lei que disciplinou o uso destes produtos só surgiu em 82, no Rio Grande do Sul. E os resultados foram imediatos, tanto que houve uma redução de 437 para 141 casos, de um ano para o seguinte — revela o candidato.

Na agricultura, continua Osório, a situação da poluição e descontrole no uso de produtos químicos perigosos é crítica. «A questão é que os agrotóxicos podem ser eficientes na erradicação de uma praga, mas seu uso indiscriminado pode abrir caminho para outras espécies diferentes, ou mutantes da primeira que passam a ser resistentes ao veneno do produto», explica Osório, que contabilizou um crescimento do número de espécies conhecidas de pragas que atacavam a agricultura brasileira. Desde 1958, tanto as pragas conhecidas como as novas praticamente triplicaram de número.